

PODER E NEGOCIAÇÃO DE IDENTIDADES EM REUNIÕES ACADÊMICAS

Cibele Brandão

Abstract

This paper is concerned about an analysis of power relations constituted by academic members in micro-interactions, as well as in the practice of identities negotiation that emerge from these interactions. The analysis shows how identities are constructed when academics establish power relations in the institutional setting of academic meetings. Power is observed in relation to asymmetric discourse, resistant discourse and in the struggle for the control of turns and agenda.

Key words: Micro-interactions, identities, power, academic meetings.

1. INTRODUÇÃO

As reuniões acadêmicas constituem eventos em que interagem professores universitários com o objetivo de discutir e deliberar sobre problemas relacionados à instituição em que trabalham. Eventualmente, participam também destes eventos representantes de alunos.

Na dinâmica do processo interacional, que ocorre nas referidas reuniões, os participantes procuram preservar, entre seus pares, a imagem de pessoas detentoras de competência técnica e social para atuar no meio em que estão inseridas e, de acordo com Bourdieu (1976: 89), deter conhecimento é uma forma de poder social.

Assim, pretende-se, neste estudo, analisar as relações de poder que se reproduzem nas microinterações, que aqui serão focalizadas, bem como a prática de negociação de identidades emergentes destas interações, pois, de certa forma, a construção de identidades está atrelada à questão do poder, uma vez que é no posicionamento em relação aos outros (os interlocutores) que se reafirmam e se constroem as identidades. O ato de definir a identidade e de marcar a diferença é uma forma de poder, contrário nas relações interpessoais, fixadas no processo interacional.

Assegura a teoria de Discurso Crítica que o discurso tem papel central como força mediadora nos processos de construção de identidades sociais, já que a construção do que se é ocorre em função do papel que se representa para os outros por meio de práticas discursivas.

Assim, é na Análise de Discurso Crítica que se encontrará a perspectiva teórica adequada para fundamentar este artigo.

O interesse na pesquisa interacional no contexto de reuniões acadêmicas foi motivado pela necessidade de compreender a natureza das relações interpessoais que se realizam naquele meio, bem assim como para desvendar o processo de negociação de identidades mediado pelo discurso acadêmico.

2. A RESPEITO DE PODER E DE IDENTIDADE

O conceito de poder adotado neste trabalho segue a teorização de Bourdieu (2001: 134), para quem o poder está relacionado à luta pelas diversas modalidades de capital (econômico, social, cultural, científico, técnico etc.). Especificamente, neste estudo, tal luta se realiza no domínio social da academia.

Bourdieu (*ibid.*: 7) afirma que o poder está em todos os lugares e que é necessário saber descobri-lo onde ele estaria mais encoberto, onde mais facilmente passaria despercebido. É esse poder, aparentemente invisível, constituído nas relações interpessoais e que depende, de acordo com a visão do citado autor, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes envolvidos nessas relações, objeto de investigação desta pesquisa.

Segundo Bourdieu (*ibid.*: 8), tal poder só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

O poder como instrumento de análise segue também as idéias formuladas por Foucault (1979), para quem a consideração do poder merece atenção em contextos específicos, circunscritos a pequenas áreas de atuação, diferentes do Estado, mas a ele articuladas. É com base nesta idéia da existência de formas de exercício do poder que circulam nas instituições e nas relações cotidianas que se pretende conduzir análises neste trabalho.

A interação ocupa lugar central nas explicações do construto de identidade, com base em sua definição mais recente voltada para alteridade, para a relação com o outro. Pois é no jogo interacional que se negociam e se constroem identidades.

Erickson & Schultz (1982) trabalhando na área da etnografia da escola, definem o conceito em relação as diferentes posições sociais assumidas pelos participantes, em função de seus interesses, objetivos e intenções. Esta idéia tem base no conceito de estrutura e participação, proposto por Philips (1972) para designar direitos e deveres dos participantes ao exercerem os papéis sociais e discursivos no processo da interação face-a-face. Ressalte-se que os citados papéis sofrem constantes modificações na dinâmica interacional.

Contudo, o conceito de identidade é refinado na distinção que Castells (2001: 22-3) estabelece entre este termo e os chamados papéis sociais (por exemplo, o de pai, de professor, de líder sindical, partidário de uma agremiação política). Os papéis são definidos por normas estabelecidas nas instituições e organizações da sociedade, enquanto as identidades são auto-construídas pelos atores por meio de um processo de individuação, no qual eles mesmos atribuem determinados significados a elas.

Em suma, nas palavras de Castells: as identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.

Convém esclarecer que significado, para Castells, corresponde à identificação, pelos atores sociais, da finalidade de suas ações. Na concepção do referido autor, a construção de identidade não pode estar dissociada da identificação do “para quê algo acontece”.

Conforme Hall (2000: 22):

ao invés de pensarmos sobre identidade como um fato já concluído, devemos pensar sobre identidade como uma ‘produção’, que nunca está completa, que está sempre em processo, sempre constituída dentro e não fora da representação do discurso.

O conceito de identidade como construção social se apóia nas teorias socioconstrucionistas do discurso. Assim, a identidade é compreendida como algo que se constrói na situacionalidade social, via discurso. Moita

Lopes (2002), em recente trabalho sobre a temática da identidade, discute esta concepção dinâmica do construto em foco, opondo-se à visão essencialista e fixa, que compreende as identidades sociais como inerentes às pessoas e não negociáveis no curso da interação.

Bhabha (1998: 85) argumenta que para a identificação, a identidade nunca é dada *a priori*, como um produto acabado; ela é sempre processo de construção de uma imagem e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. Como bem explicitado por ele (ibid.: 76), “o ser para o outro implica a representação do sujeito na alteridade”.

Castells (2001: 23) chama atenção para o fato de que não é difícil concordar, nos dias de hoje, com o ponto de vista sociológico de que toda e qualquer identidade é construída. A questão, segundo ele, é “como, a partir de quê, por quem e para que isso acontece”.

Portanto, a idéia da possibilidade de transferência da identidade social através das práticas discursivas onde as pessoas atuam é ponto crucial neste estudo, e todo o trabalho é voltado para focalizar os significados, relativamente às identidades e relações de poder que se constroem no discurso de reuniões acadêmicas.

Na literatura das ciências sociais, o termo negociação tem sido amplamente empregado em sentido metafórico, como construto que engloba noções de dinamicidade, mutabilidade e construção social emergente da interação. Ex: “negociação de identidades” (Hall, 2000); “negociação de contextos” (Gumperz, 1982) e “negociação de significados” (Bakhtin, 1979).

Neste artigo, o citado termo é utilizado como vem sendo referido nas ciências sociais, ou seja, como um processo ou situação em que diferenças são ajustadas para que as partes envolvidas cheguem a um acordo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados deste trabalho foram coletados em 1997, em uma universidade federal para uma outra pesquisa realizada por esta autora. Tais dados foram obtidos do discurso de uma comunidade acadêmica em contexto de reuniões institucionais, incluindo encontros promovidos em uma faculdade de Direito e encontros de Conselhos Acadêmicos diversos.

Nas reuniões deste último *corpus*, profissionais de diferentes áreas do conhecimento científico discutem assuntos de interesse da universidade para a qual trabalham e tomam decisões relativamente a esses assuntos. Quanto ao primeiro *corpus*, os participantes e os assuntos debatidos são mais específicos, já que dizem respeito a uma área restrita de atuação. Além disso, nas reuniões de Direito, há representantes de alunos.

Do total de dados coletados originalmente, cerca de cinco horas de filmagem, serão analisados neste trabalho quatro extratos, selecionados de acordo com os interesses da atual pesquisa.

4. A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO DISCURSO ASSIMÉTRICO

Extrato (1) : Interação entre o Diretor de uma faculdade de Direito e uma aluna a respeito do tema “reposição de aulas”

1 A: Como a X falô, certamente os horários de reposição de aulas...e também

2 os alunos fora do horário que a gente estabelece aqui na faculdade...os

3 alunos assumem outros compromissos, né? fora da faculdade...então, eu

4 queria saber se é possível que os professores concedam as aulas de

5 reposição sem a chamada obrigatória porque isso

6 D: [eu acho que seria sensato, acho

7 que seria sensato isso aí, mas acho que isso vai ter que ser resolvido entre 8 professor e aluno.

9 A: Mas o senhor não pode dá uma orientação aos professores nesse sentido

10 porque senão [os alunos vão sair mais prejudicados ainda.

11 D: [Eu diria aos professores que não...eu vou dizê aos

12 professores...estou dizendo a você o que eu posso fazê sem ferir a norma.

13 Agora, eu não posso já estabelecê, institucionalizar, formalizar que vão ser

14 dadas aulas fora do da...porque os alunos vão dizê...essa decisão é ilegal,

15 o professor não pode tá fixando hora de aula, o diretor não pode tá fixando

16 hora de aula fora do horário normal. O calendário é de 30 de setembro a 2

17 de fevereiro. Eu não posso dizê que aulas dadas fora... eu posso é...se um

18 aluno fizer um recurso, interpusser um recurso porque, porque um professor

19 lhe deu falta numa aula fora do do horário previsto...eu posso

20 simplesmente acolher aquele recurso e dizê que o aluno tem razão. Isso é

21 uma outra história. Agora, não me exija, por favor...antes de mim...ah...ah
 22 Saint Exúperry já dizia que , na verdade, o rei justo é aquele que dá
 23 ordens razoáveis. Pule dessa cadeira pra baixo, não pule do décimo andar
 24 senão você se acaba. (expressão de sorriso)

O Presidente da reunião toma o turno da falante na linha 6, assumindo papel de controlador da situação. Tal procedimento, acompanhado do caráter tachativo do que é enunciado em seguida, reflete a assimetria que caracteriza a situação em análise. Tendo o turno assaltado, a aluna fica em posição enfraquecida na interação. Mesmo assim, tenta recuperar o turno atenuando a intervenção com uma consulta (linha 9). Para tanto, faz uso de um verbo modal “poder” e apresenta justificativa para a solicitação feita durante a consulta.

O nervosismo e a impaciência do diretor com a situação são refletidos no discurso desarticulado (linhas 11 e 12) em que frases truncadas são enunciadas por ele. A forma imperativa com que responde a sua interlocutora (linha 12) revela como ele se posiciona em relação a ela: como alguém que tem o poder de deliberar o que pode ser feito naquela circunstância.

A posição de aconselhador, construída na interação, é reforçada no final do extrato, quando faz uma citação de Saint Exúperry. A analogia de sua função, no contexto em análise, com a de um rei, é bastante significativa para demonstrar como o diretor marca sua posição, de superioridade, nessa situação.

Na seqüência, a inserção de uma máxima é estratégica para encerrar a discussão. A utilização do imperativo nas formas pular (linha 23), bem como a expressão irônica de sorriso (linha 24) sinalizam, mais uma vez, a condição de superioridade do diretor em relação à aluna.

O discurso do diretor é a força mediadora que legitima a identidade construída no curso da interação. O modo como ele se posiciona é contingente às circunstâncias nas quais se situa o evento em foco. Com seu discurso o diretor sinaliza para a audiência qual o seu papel social, negociando com esta como quer ser visto: como alguém mais experiente do que sua interlocutora, um avaliador da situação, enfim, como alguém a quem compete o direito de dar conselhos ao outro. Assim, o discurso do diretor e a forma

como ele assume as rédeas da discussão influenciam o julgamento do que é dito e de quem o diz nesse contexto.

Extrato (2): Interação entre o Presidente da reunião e uma aluna do curso de Direito sobre o tema “reformulação do calendário acadêmico”.

- 1 P: deixe eu vê o que sua colega ali tem a dizê.
2 A: Isso que eu ia falá. Eu acho que a única regra é a unanimidade de aluno
3 com professor, porque senão, com certeza, o prejudicado vai ser o aluno
4 ...então, eu acho que o único ponto, que a única regra que poderia sair
5 daqui, no caso de reposição, ou melhor, antecipação de aula, seria a
6 unanimidade da turma com o professor na decisão do horário.
7 D: Eu diria a senhora que é impossível pra mim fixar regras aqui sobre essa
8 matéria, ta? As regras que existem aqui são as regras regimentais.
9 O regimento diz...são dadas trinta aulas, não é? de 60 horas, de 30
10 aulas, de duas horas cada uma no semestre(...) Eu, pessoalmente o que
11 posso fazer nessa emergência, minha filha, é o que eu to fazendo agora.
12 Eu não vou fixar nada. (expressão facial de impaciência).

O extrato 2 mostra o exercício do poder mediado pela linguagem em uma relação marcadamente assimétrica. Na linha 1, o diretor produz um turno de intervenção no discurso da aluna para oferecê-lo a outra. O direito de interromper alguém, deliberar sobre a duração dos turnos, bem como sobre sua distribuição entre os participantes é construído na prática discursiva do diretor e resulta de processo de negociação de identidade, na qual ele assume uma imagem que se contrapõe à dos outros membros da reunião, qual seja a de superior hierárquico, alguém com mais poder naquele contexto. Tal representação, construída na alteridade, é instanciada dentro de uma rede de relações sociais que inclui aqueles que podem aceitar ou resistir àquele tipo de poder.

A assimetria entre o diretor e sua interlocutora é notadamente configurada no uso das formas de tratamento “senhora” (linha 7) e ‘minha filha’ (linha 11). Ambas as formas de tratamento constituem marcas de distanciamento que o diretor utiliza para demarcar os papéis sociais de-

sempenhados na interação. Porém, a distância como modalidade de interação, segundo postula Lakoff (1979:62), é bem mais marcada quando o falante se dirige a sua interlocutora usando o tratamento “senhora”, pois, nesse caso, ele assume a polidez formal como estratégia para maximizar a distância entre eles.

Ao fazer uso da expressão paternalista, “minha filha” (linha 11), o falante abandona a polidez formal, mas mantém a distância como modalidade de interação para impor autoridade por experiência sobre a interlocutora.

A referida expressão revela no discurso do diretor a assimetria que caracteriza a interação em análise, pois ele jamais se dirige a um de seus pares professores da forma como o fez com a aluna. Ressalte-se também que as normas gerais de conduta social, considerando-se a diferença de idade entre os interlocutores, bem como as da atividade específica, não permitem à aluna dispensar uma forma de tratamento igual ou similar àquela coloquial utilizada por seu interlocutor. No fragmento apresentado, a assimetria decorre, principalmente das identidades sociais construídas na interação.

5. CONTESTAÇÃO DE AGENDA E ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA

Extrato (3): Interação entre o Presidente da mesa e um membro do Conselho a respeito do alongamento de uma discussão sobre determinado assunto.

- 1 F1: Bom, eu...(alguém levanta a mão na platéia)
- 2 Minha querida, se nós formos discutir a [questão
- 3 F2: [na: não, eu acho que nós não
- 4 vamos prolongar a discussão
- 5 F1: Essa questão é importantíssima. Nós temos que esclarecer a discussão,
- 6 apenas, como a gente acha que ela é tão importante, a gente quer fazer um
- 7 retrato para que todos saibam (...) Essa é a idéia. É fazer um informe no
- 8 sentido de que esse assunto vai ter que voltar à discussão com propostas
- 9 que vocês, inclusive, devem encaminhar. Eu faço esse apelo.
- 10 Aceito a cassação (risos)

11 F1: ah...nã... não há caça de palavra (riso). Na verdade, eu estou preocupado,
12 já são onze horas e nós temos uma pauta que pelo amor de Deus, eu não
13 posso mais ver...

Neste extrato, a luta que se estabelece entre os participantes sobre a duração da discussão de um tópico configura uma disputa para definir uma agenda, a ser seguida no contexto da reunião.

O papel do presidente da reunião de garantir o controle da agenda da discussão é desafiado por F2 no momento em que esta intervém no discurso de F1 por meio do gesto de levantar a mão com o objetivo de pedir o turno. A atitude de F2 manifesta desacordo com a agenda proposta por F1. Inferindo a intenção comunicativa de F2, F1 não lhe concede o turno e a estratégia de que se vale para atenuar sua atitude de não conceder a palavra a F2 é a utilização de uma forma de tratamento afetivo coloquial “minha querida” (linha 2), não obstante esteja realizando ato de ameaça à face por meio de uma imposição. No entanto, F2 resiste, não acatando a tentativa de explicação de F1 e, assaltando-lhe o turno, em flagrante ato de ameaça à face positiva, discorda da posição de seu interlocutor.

A luta pela palavra prossegue com F1 recuperando o turno perdido e retomando a justificativa para não permitir a inviabilização de sua agenda. Como coordenador das atividades desempenhadas durante o evento focalizado, F1 negocia sua posição com a audiência, tendo o cuidado de não realizar discurso autoritário. Assim, procura fazer valer sua posição por meio de atenuadores lingüísticos que mitigam a desigualdade de poder, tais como: “essa questão é importantíssima” (linha 5), “eu faço esse apelo” (linha 9), “propostas que vocês devem encaminhar” (linha 9 e 10).

A alternância no uso da 1ª pessoa do plural *nós* (linha 5) com a forma coloquial, que lhe corresponde, *a gente* (linha 6), é estratégia de envolvimento que visa à persuasão do grupo como um todo.

Ao compartilhar sua atitude com os membros integrantes do Conselho, F1 assim o faz para aumentar a força ilocutória de sua argumentação. Na seqüência, F2 passa da situação de confronto para uma de humor e acomodação, mas ao selecionar o item *cassação*, manifesta em seu discurso protesto quanto ao fato de não poder mais falar naquele momento da reunião.

6. PODER E IDENTIDADE EM CONFRONTOS DISCURSIVOS

Extrato (4) : Interação de conflito entre professor, membro do Conselho de Administração, e o presidente da reunião, vice-reitor da universidade pesquisada.

Professor denuncia a administração da universidade por permitir privilégios a determinados funcionários em detrimento de outros.

- 1 Prof.: (...) o problema é que a administração fez olhos, éh... há benesses
 2 que são dadas a certos funcionários, né? em detrimento a outros
 3 e eles vão andando. Agora, e isso, a administração é sabedora
 4 disso. Tem...tem pessoas que pagam benesses para funcionários
 5 aqui, quer dizer a olhos vistos
 6 Pres.: O problema é o seguinte: quando a gente quer,
 7 [quando a gente
 8 Prof.: [irracionalmente
 9 Pres.: Pregar, [ninguém dá o prego
 10 Prof.: [irracionalmente
 11 Pres.: [ou o martelo
 12 Prof.: [irracionalmente porque dão pra uns e os outros ficam alijados
 13 Pres.: Concordo. Não pode haver de forma nenhuma benesses aqui
 14 na universidade.

Este extrato focaliza uma situação de confronto direto por parte do professor que se vê em condição desvalorizada ou em posição de desigualdade em relação aos outros.

O trecho selecionado reflete um momento de tensão durante a reunião gravada. Ao fazer uma acusação de forma direta à Administração da universidade pesquisada, o professor manifesta em seu discurso questionamento sobre uma prática consentida oficialmente na universidade, e a qual repudia, denunciando o que julga irregular, principalmente porque isso significa para ele uma forma de exclusão.

A intervenção reiterada no turno de fala do presidente é estratégia de resistência à naturalização da denúncia. As identidades construídas pelos

participantes no extrato selecionado configuram uma situação de ataque e defesa., em que um dos atores é o desafiante e o outro, o representante de defesa da instituição envolvida no processo de denúncia. A alternância de turnos funciona como uma disputa pelo poder de fazer valer determinado ponto de vista.

Na linha 6, o presidente ensaia uma defesa para rebater as acusações feitas por seu interlocutor, porém é interrompido por este (linha 8) que, inferindo a provável defesa do presidente, trata de neutralizá-la antes mesmo de sua apresentação à platéia.

Na seqüência, a disputa pelo domínio do turno se configura em um confronto aberto entre os participantes. Na linha 12, o professor toma definitivamente o turno, sem que este lhe tenha sido facultado pelo presidente.

O desfecho da interação, de que ora se trata, culmina com uma postura de acomodação do presidente à posição de seu interlocutor, como forma de encerrar a discussão e assim garantir a harmonia e a seqüência da reunião.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foram analisadas as relações interpessoais construídas no contexto institucional de reuniões acadêmicas como base para discutir como o poder é exercido no discurso, assim como o processo de negociação de identidades resultante deste exercício.

Verificou-se nos extratos focalizados como poder e negociação de identidades se firmam na linguagem e por meio dela, observando o poder em termos do discurso assimétrico e do de resistência, da disputa pelo controle de turnos e agenda. Quanto à negociação de identidades, deve-se enfatizar que as representações construídas no discurso são fruto da forma como os sujeitos são interpelados ou posicionados em relação aos outros, de acordo com Althusser (1974).

Assim, com base nas teorias socioconstrucionistas do discurso, entende-se que as identidades sociais não são dadas *a priori*, como algo tácito, mas são construídas por meio de práticas discursivas, em que podem ser negociáveis, transformáveis e refeitas no curso da interação.

No discurso acadêmico que se realiza no contexto de reuniões institucionais, seguindo Bourdieu (op.cit.), verificou-se que a linguagem representa um capital simbólico de poder entre os atores, que desempenham papéis sociais marcados por relações hierárquicas.

As práticas constitutivas deste discurso refletem, assim, como são reproduzidas representações relacionadas a desigualdades de direitos, em função das diferenças de capital técnico, social e científico de sujeitos que atuam para preservar uma estrutura hierárquica de papéis sociais. Estes papéis se manifestam nas reuniões acadêmicas, principalmente, em lutas discursivas pelo poder, exercido na linguagem, por meio da qual são veiculadas e construídas as identidades sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Althusser, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. J. J. Moura Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- Bhabha, H. K. *O local da cultura*. Trad. M. Ávila et. al. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998. (Título original: *The location of culture*.)
- Bourdieu, P. *O poder simbólico*. Trad. F. Tomaz. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- . Les modes de domination. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 2 (2/3): 122-32, juin, 1976.
- Castells, M. *O poder da identidade*. V. 2. Trad. K. B. Gerhardt. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. (Título original: *The power of identity*.)
- Drew, P. e Heritage, J. Analysing talk at work: an introduction In: *Talk at work*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- Erickson, F. & Shultz, J. *The counselor as gatekeeper*. New York: Academic Press, 1982.
- Erickson, F. Qualitative methods In: *Research in teaching and learning*. V. 2, New York, Macmillan Publishing Company, 1986, p. 75-194.
- Foucault, M. *Microfísica do poder*. Trad. e org. R. Machado. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.
- Fairclough, N. & Chouliaraki, L. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

- Giddens, A. *Modernity and self-identity: tribulations of the self*. Cambridge: Polity Press, 1991.
- Gumperz, J. J. e Hymes, D. (eds.) *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc, 1972.
- Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. T. T. da Silva e G. L. Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro, DP& A, 2000.
- Hammersley, M. e Atkinson, P. *Ethnography: principles in practice*. London: Cambridge University Press, 1983.
- Hymes, D. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. London: Tavistock Publications, 1974a.
- . The ethnography of speaking. In: T. Gladwin e W.C. Sturtevant (eds.) *Anthropology and human behavior*. Washington, DC: Anthropological Society of Washington, 1968.
- Hutchby, I. Power in discourse: arguments on talk radio. In: A. Jaworski, & N. Coupland (eds.) *The discourse reader*. London and New York, Routledge, 1999.
- Levinson, S. C. Activity types and language In: *Talk at work*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- Marcuschi, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- Moita Lopes, L. P. da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, S. P.: Mercado de Letras, 2002.
- Philips, S. U. Participant structures and communicative competence: warm springs children in community and classroom In: C. Cazden *et. al.* (eds.) *Functions of language in the classroom*. New York, Teacher's College Press, 1972, p. 370-394.
- Sacks, H., Schegloff, E. A. e Jefferson, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50 (4): 696-735, 1974.
- Saville-Troike, M. *Ethnography of communication: an introduction*. Oxford: Basil Blackwell, 1982.
- Signorini, I. (org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, S. P.: Fapesp, 1998.
- Silva, T. T. da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, R. J.: Vozes, 2000.
- . *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.